

Multiplicação da palavra: o papel de antigas práticas de leitura em movimentos religiosos contemporâneos

Wander de Lara Proença¹

Resumo: Denomina-se neopentecostalismo o movimento religioso que se configurou denominacionalmente no Brasil, na década de 1970, como uma ramificação do chamado Pentecostalismo clássico que surgiu nos Estados Unidos da América, no início do século XX. Como compreender ou explicar que em pouco mais de duas décadas as denominações neopentecostais conquistaram no Brasil milhões de seguidores?

Da análise aqui empreendida, constata-se que a leitura da Bíblia exerce um papel preponderante nas práticas deste segmento religioso, ao orientar o comportamento coletivo e configurar um fértilíssimo passado cultural.

Palavras-chaves: neopentecostalismo, leitura da bíblia, comportamento coletivo

Word multiplying: the role of old reading practices in the religious contemporary movements

Abstract: Neopentecostalism has been defined as a religious movement, which was denominationally termed in the 70s in Brazil and from the Classical Pentecostalism in the USA in the beginning of 20th century. Can we comprehend or explain how neopentecostal denominations could conquer millions of Brazilians in twenty years' time?

This had happened because biblical reading has an important role about these actions in the Neopentecostalism in order to establish the collective behavior and configure a fertile cultural past.

Key-words: neopentecostalism, collective behavior, biblical reading

(1) Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor da Faculdade Teológica Sul Americana, em Londrina – PR.

As três últimas décadas assistiram a um expressivo crescimento de igrejas denominadas “evangélicas” no campo religioso brasileiro. Segundo dados do Censo IBGE - 2000, já são mais de 26 milhões os evangélicos no Brasil, número correspondente a cerca de 15,5% da população brasileira então catalogada. Comparativamente, em 1970, o Censo apontava 5% da população de 90 milhões. Na década de 1990, em números absolutos, esse crescimento dos evangélicos é da ordem de 100%, pois passaram de 13 milhões em 1991 para 26 milhões em 2002 (SIEPIERSKI, 2003:26,27). Também se destaca que das cifras atuais, “de cada dez crentes sete se declaram pentecostais ou neopentecostais” (ECLÉSIA, 2000:46).

São exemplos tipologicamente representativos do chamado neopentecostalismo² movimentos como a Igreja Universal do Reino de Deus, sob o comando do bispo Edir Macedo - que de um simples salão alugado para o início de suas atividades, em 1977, na cidade do Rio de Janeiro, já atraiu para si cerca de três milhões de seguidores - e também a Igreja Internacional da Graça de Deus, liderada pelo missionário R. R. Soares, que se tornou conhecido de significativa parcela da população brasileira devido, sobretudo, às suas aparições diárias em programas de horário nobre na televisão.

Pesquisadores têm apontado vários fatores ou recursos como os responsáveis diretos pela grande visibilidade e projeção de tais segmentos: altos investimentos na mídia, como rádio e TV; sofisticadas estratégias de *marketing*, eficazes técnicas de comunicação e espetáculo utilizadas nos cultos; crescente apelo da música gospel, etc. Todos estes aspectos podem ser considerados como elementos explicativos. Entretanto, o que queremos analisar, nesse texto, como um dos importantes fatores responsáveis pelo êxito destes movimentos, refere-se a um recurso comunicacional que transcende às técnicas dos tempos modernos: a leitura.

Segundo o historiador Robert Darnton, “a leitura tem uma história, não foi a mesma em todos os lugares e em todos os tempos” (DARNTON, 1991:234). No entanto, no texto elaborado a seguir se observará que “antigas” práticas de leitura continuam a fazer ainda diferença em tempos de novos e sofisticados recursos de comunicação e expressão. A leitura resiste, sobrevive e dá fortes evidências de que continuará a ser, por seu aspecto emblemático, um elemento-chave da forte atração que o sagrado também continua a exercer em diferentes grupos sociais do mundo contemporâneo.

É notório o fato de que dentre os maiores líderes religiosos da história, alguns, como Jesus e Maomé, por exemplo, não tenham eles mesmos se preocupado em redigir qualquer tipo de texto. Os seus discípulos, porém, se encarregaram de fazer isto e o alcance de seus esforços atravessou os séculos e continua a seduzir

incontável número de leitores em nossos dias. Tal tem sido o caso destes grupos carismáticos, já anteriormente identificados, que se apresentam com grande apelo popular no campo religioso brasileiro.

Diante disso, cabe perguntar: que papel desempenha e que características apresenta a leitura nas práticas de tais segmentos religiosos? Apresentaremos, a seguir, seis aspectos que denotam algum tipo de resposta a tais questões.

1 – Leitura intensiva

Observa-se em tais segmentos a prática da leitura *intensiva* (DARNTON, 1991:213) ou *paradigmática* (CHARTIER, 1999:131), conforme conceitos desenvolvidos por tais historiadores ao se referirem à leitura quase exclusiva da Bíblia adotada por protestantes puritanos nos séculos XVII e XVIII, na Inglaterra e América do Norte. Chartier, ao situar a “revolução da leitura” ocorrida na Europa Ocidental nesse período, afirma que entre “a cristandade reformada” se desenvolveram *estilos de leitura religiosos e espirituais*, que, como na época de Lutero, (...), passaram a promover o acesso à verdade absoluta (CHARTIER, 2000:26). Também denota-se aí algo de semelhante ao que Michel de Certeau denominou de “leitura mística”, ao referir-se ao “conjunto de procedimentos de leitura” praticado por grupos designados nos séculos XVI e XVII como *iluminados, místicos, ou espirituais* (CHARTIER, 1999:13,14).

Também nestes segmentos religiosos contemporâneos lê-se preferencialmente a Bíblia e, além disto, quase somente revistas, jornais e livros, literaturas estas geralmente publicadas pelos próprios líderes. A leitura bíblica exerce ali um papel preponderante. A Bíblia é lida “obrigatoriamente” em todos os cultos e reuniões, bem como nos programas de rádio e TV. Objetiva-se, com sua leitura, obter proteção, prosperidade financeira nos negócios, saúde; pela leitura se educam os filhos, se estabelecem os ritos para guerrear e vencer o demônio; por ela são criadas as regras de comportamento, elaborados os argumentos para a entrega de ofertas financeiras; é ela que também dá sustentação ao poder exercido pelo líder e legitimação aos títulos que ostenta, conferindo-lhe autoridade perante o grupo para conduzi-lo.

2 – Leitura configurada por um *habitus*

Nas práticas destes segmentos religiosos pode-se perceber a apropriação da leitura configurada por um *habitus*. Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu (1999:51), o *habitus* orienta o comportamento, sendo responsável por capacidades “criadoras”, produto da história que produz práticas individuais e coletivas, estabelecendo os

limites dentro dos quais os indivíduos são “livres” para optar entre diferentes estratégias de ação, aparecendo, pois, *como o terreno comum em meio ao qual se desenvolvem os empreendimentos de mobilização coletiva* (BOURDIEU, 1996:91). Neste mesmo sentido, vale acrescentar as seguintes palavras:

A leitura não se realiza assim a partir de um vazio de saberes; a sua base de efetuação é um campo de significação reconhecível, em que o texto se introduz para significar (...) Esses saberes “anteriores” nem nascem nem habitam apenas no indivíduo isoladamente, mas remetem, também eles, à existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constituem o espaço de memória. É a partir de tal espaço discursivo de regularização dos sentidos, então, que os leitores procedem à leitura (PAYER: 1998:144)

Robert Darnton também aponta nesta direção ao sublinhar que as informações contidas numa página ganham sentido no momento em que ocorre a interpretação, sendo aí decisivas as configurações culturais a que pertence o leitor. Assim, “compreender a maneira como se tem lido, possibilita o entendimento de como se compreende a vida”, uma vez que “a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado” (DARNTON, 1991:218). O significado do ato de ler, portanto, emerge no instante em que o leitor neopentecostal absorve o sentido “em sua própria existência” (WOLFGANG, 1999:82).

3 – Leitura e circularidade

Pode-se dizer que a leitura é capaz de possibilitar e promover um intenso processo *circulação cultural*, conforme conceito empregado por Carlo Ginzburg, em sua obra *O Queijo e o Vermes*. Seguindo a metodologia e a inspiração teórica de Mikhail Bakhtin, Ginzburg difere deste, entretanto, ao estudar não um intelectual das elites, mas um simples moleiro,³ do século XVI, que sabia ler e que por isso mesmo mantinha certas relações com a cultura dominante, filtrando-a de acordo com seus próprios valores e condições de vida. Menóchio, personagem de Ginzburg, rompendo o suposto limite do popular e do erudito,

(...) não estava simplesmente relendo mensagens transmitidas de cima para baixo na ordem social. Ele lia agressivamente, transformando o conteúdo material à sua disposição numa

concepção radicalmente não-cristã do mundo (DARNTON, 1991:147).

Em razão das idéias polêmicas e “heréticas” que formulou a partir das leituras que fez, tal personagem foi levado a julgamento e condenado à morte pelo tribunal da Santa Inquisição.

As representações que afloraram nos segmentos neopentecostais aqui identificados também assimilam e incorporam elementos oriundos de *uma complexa interação de crenças e idéias religiosas que se amalgamaram em determinado momento histórico* (WOLFGANG 1998:99). Neste sentido, é importante ressaltar que os fiéis de segmentos religiosos com este perfil, no campo religioso brasileiro, procedem em sua maioria do catolicismo. A Revista *Veja*, no início da década de 1990, trazia como manchete de capa “A Fé que move multidões avança pelo País”, e apontava para a atração que as igrejas neopentecostais exercia sobre católicos: “*Mais de seiscentas mil pessoas, por ano, abandonam o catolicismo para juntarem-se a uma igreja neopentecostal*” (ECLÉSIA, 1990:40). Tais adeptos do catolicismo, ao aderirem à fé neopentecostal, passaram a projetar na leitura do texto bíblico um fertilíssimo substrato cultural-religioso de que compunha o seu imaginário. Muitos ali também anteriormente pertenceram às religiões afro-brasileiras. Na vivência religiosa de tais membros, portanto, emergem agora representações da “matriz religiosa brasileira”, a qual, segundo Bittencourt Filho, é constituída por “catolicismo ibérico, magia européia, religiões indígenas, religiões africanas, espiritismo europeu e catolicismo romanizado” (FILHO, 1998:99). Assim, quando filtra a leitura da Bíblia, bem como os dogmas e eruditos conceitos teológicos postulados pelo protestantismo, a partir de um capital simbólico e de um conjunto de representações já depositados em seu *imaginário*,⁴ tais fiéis realizam um dinâmico processo de circulação cultural. Desta forma, observa-se que mudam as práticas, os ritmos e até as técnicas, mas não os referenciais imaginários da leitura que ali se faz.

4 – Leitura coletiva

No neopentecostalismo, aqui identificado, ocorre uma prática de leitura predominantemente coletiva, ou, para utilizarmos uma terminologia de Chartier, constituem-se ali, “comunidades de leitores” (CHARTIER, 1990:131). No culto, não obstante o líder conduzi-la, a leitura é predominantemente coletiva ou participacional. Um exemplo disto ocorre através das encenações que são feitas a partir do texto bíblico. No mês de maio de 1999, por exemplo, a Igreja Internacional da Graça de Deus, em Londrina, realizou a campanha intitulada “Ressurreição de

Lázaro”, em alusão a um personagem bíblico que, segundo relato bíblico do Evangelho de João, capítulo 11, foi ressuscitado por Jesus. Tendo inspiração em tal leitura, os pastores e obreiros auxiliares construíram no interior do templo uma pequena tenda escura, dentro da qual os fiéis deveriam passar como que em um gesto de encenação, enquanto os pastores liam o referido texto bíblico, ordenando que os crentes saíssem das “trevas” da doença, da miséria, do fracasso etc., para a vida e a “luz” da cura, da prosperidade e da vitória. Desta forma, a leitura bíblica leva os fiéis a assumirem o lugar ou os papéis de personagens bíblicas, mantendo uma “apreensão” interativa ou participacional do sentido do texto. Aplicam-se perfeitamente aqui as palavras de Chartier quando afirma que “os discursos só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro” (CHARTIER, 1999: 08).

Nos programas realizados pelos pregadores radiofônicos ou televisivos, em que empregam insistente e sistematicamente a leitura e exposição de textos bíblicos, também prevalece a forma coletiva. Neste sentido, destacam-se as considerações feitas por Darnton de que o rádio e a TV não romperam necessariamente com o estilo de leitura do passado, em que prevalecia a forma coletiva, quando, *grupos de artesãos, no século XIX, por exemplo se revezavam, lendo ou ouvindo um leitor para se manterem entretidos, enquanto trabalhavam*⁵. Ainda acrescenta:

Até hoje, muitas pessoas tomam conhecimento das notícias através da leitura de um locutor de televisão. A televisão pode ser menos um rompimento do passado do que geralmente se supõe (...) para a maioria das pessoas através da maior parte da história, os livros tiveram mais ouvintes que leitores. Foram mais ouvidos do que lidos (DARNTON, 1991: 216).

Os meios de comunicação de massa ampliaram o aspecto instrumental da leitura, intensificando sua magia comunicacional. Atualmente, os evangélicos controlam mais de 300 emissoras de rádio e canais de TV no país, com faturamento global acima de meio bilhão de reais por ano. Mais de 80% da programação religiosa na TV brasileira é evangélica (VEJA, 2002:91). Assim, o Neopentecostalismo apropriou-se de um meio capaz de não apenas instrumentalizar a leitura, mas também de torná-la uma prática mais familiarizada com a grande parcela da população, uma vez que é vantajosa a preferência popular pelos dispositivos de comunicação audiovisuais no contexto brasileiro.

5 – Leitura e suportes materiais

Desenvolve-se, ali, um tipo de leitura que se utiliza de diversos suportes materiais. Um aspecto que tem contribuído para popularizar a leitura da Bíblia são as estratégias de *marketing* editoriais a que o texto bíblico vem sendo submetido. Uma das principais revistas de circulação nacional entre os evangélicos, a revista *Eclésia*, publicou como reportagem de capa matéria intitulada “*A Explosão de Bíblias*”, em que apresenta o lançamento dos mais variados modelos do texto bíblico no mercado editorial:

Uma corrida silenciosa, travada nos bastidores do mercado editorial evangélico nos últimos anos, chega ao seu clímax agora. Uma enxurrada de novas versões e edições das Sagradas Escrituras que invade livrarias, igrejas e lares com o que há de melhor e mais moderno em relação ao livro. São lançamentos para todos os gostos, bolsos e preferências teológicas (ECLÉSIA, 2002:36).

Nas duas últimas décadas, tem havido investimentos pesados, tecnologias de ponta e o que há de mais avançado em recursos de editoração no lançamento de bíblias no mercado por parte das diversas editoras cristãs do país. No momento, estão à disposição do público consumidor, por exemplo, a tradução na *Linguagem de Hoje* (que procura adaptar o texto ao vocabulário mais popular do povo brasileiro); a *Bíblia de Estudos em Cores* (com versículos classificados em cores, divididos a partir de temas); a *Bíblia de Estudos Esperança* (com 365 perguntas e respostas temáticas); a *Bíblia Apologética* (lançada pelo Instituto Cristão de Pesquisas, que apresenta refutações bíblicas aos “ensinos heréticos” do mundo atual); a *Bíblia de Profecias* (que apresenta gráficos a respeito de fatos ou “sinais” escatológicos ou proféticos já ocorridos na história e que ainda vão se dar no tempo apocalíptico); a *Bíblia de estudo da Mulher* (que “relaciona as verdades bíblicas ao universo feminino, responde às perguntas mais frequentes sobre casamento, namoro, amizade, maternidade, solidão, finanças” - afirmações na página de apresentação do referido texto); *Bíblia da Prosperidade* (destacando em colorido os versículos que falam de riqueza e sucesso de personagens bíblicos), sem contar que há ainda as versões voltadas para crianças e adolescentes, com figuras e ilustrações; e também em formato de bolso. Neste sentido, destacam-se as palavras do jornalista Carlos Fernandes:

A palavra de Deus ganhou até versões antes inimagináveis, como edições fartamente ilustradas, inclusive com figuras re-

tratando Jesus Cristo – coisa que, há alguns anos, era capaz de causar escândalo aos evangélicos (...) Foi-se, definitivamente, o tempo em que a Bíblia seguia, invariavelmente, aquele figurino composto por capa preta e papel-bíblia, que originou, em outras épocas, a alcunha “povo do livro preto”, referência jocosa ao hábito dos evangélicos de ir para o culto levando sua Bíblia embaixo do braço (ECLÉSIA, 2002:38).

As inovações editoriais têm obtido o efeito desejado. O lançamento de bíblias com comentários, notas de rodapé, verbetes explicativos ou com ênfase temática demonstra não apenas a tentativa de se atingir um determinado público-alvo, mas também de estabelecer certo direcionamento da própria leitura e da interpretação que se fará do texto impresso. E, no caso específico dos movimentos aqui em análise, vale destacar, por exemplo, as palavras da gerente comercial da principal livraria evangélica de Londrina, a qual - afirma que “*a Bíblia Pentecostal está entre as mais vendidas, por apresentar notas explicativas e comentários que atendem ao estilo de fé dos pentecostais e neopentecostais, que representam a grande maioria no país*” (MONTOSA, 2004).

Outro exemplo se verifica com a chamada Bíblia das Promessas, também conhecida como “Bíblia da Prosperidade”, lançada pela Editora King’s Cross, que nos últimos dois anos vendeu mais de 100 mil unidades. O destaque desta edição é a classificação das promessas divinas por 75 diferentes assuntos, tais como salvação, cura divina, vitória sobre o diabo e prosperidade financeira para o crente. “Nos nossos cultos, enfatizamos muito as promessas de Deus, e até as reivindicamos nas orações. Esta Bíblia visa conscientizar o povo de Deus sobre estas verdades” - explica o diretor comercial da editora Célio José dos Santos (ECLÉSIA, 2002:41).

De igual modo, a *Bíblia Apologética* tem feito grande sucesso entre os adeptos de tais segmentos religiosos, devido à sua ênfase combativa a outras práticas religiosas. Comemoram também os editores desta versão, que viram os 80 mil exemplares da primeira tiragem esgotarem-se rapidamente. O diretor geral do Instituto Cristão de Pesquisas, Jamierson Oliveira, explica que ela é resultado dos 20 anos de experiência no estudo de seitas e heresias pelo instituto, e comemora a existência de mais esta “arma” para o combate na “guerra santa”. Na sua visão, este

É um lançamento contundente. Vem com refutações às leituras equivocadas das Escrituras, que dão origem às heresias. (...) Trata-se de mais uma ferramenta para o crente que deseja bater de frente com mórmons, espiritualistas, testemunhas de

Jeová, ou outros grupos religiosos considerados heréticos pelos evangélicos (ECLÉSIA, 2002:45).

6 – Leitura e rebeldia

Finalmente, vale destacar o dinamismo rebelde da leitura. “Aparentemente passiva e submissa, a leitura é, em si, inventiva e criativa” - afirma Chartier (2000:31). Um exemplo disto está na pergunta normalmente feita quando o assunto é cristianismo no Brasil: como e por que, tendo um mesmo livro - a Bíblia -, multiplica-se escalonariamente o número de novas denominações no País?

Neste aspecto, pode-se estabelecer um paralelo com a análise e a investigação feitas por Chartier sobre o comportamento de leitores na Europa Ocidental entre os séculos XIV e XVIII. Este autor desenvolveu suas compreensões a partir de uma inquietante questão que observou a partir da obra *Celestina*, publicada em 1507:

Como é que um texto, que é o mesmo para todos os que lêem, pode transformar-se em “instrumento de discórdia e de brigas, entre seus leitores, criando divergências entre eles e levando cada um, dependendo de seu gosto pessoal, a ter uma opinião diferente? (CHARTIER, 1992:211).

Na busca de explicações para tal impasse, Chartier propõe uma imbricação triangular estabelecida entre “três pólos: o texto, o objetivo que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera”. Primeiramente, pondera que um texto, aparentemente “estável”, sofre mutações de sentido ao ser dado a ler em formas impressas que se alteram (CHARTIER, 1992:211). Afirma ainda que todo texto é lido a partir de suportes ou veículos, ou seja, o texto não existe em si mesmo, *fora das materialidades, quaisquer que sejam*, e acrescenta:

Contra essa “abstração”, é preciso lembrar que as formas que fazem com que os textos sejam lidos, ouvidos ou vistos participam também da construção de sua significação. O mesmo texto, fixado pela letra, não é o “mesmo”, se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação (CHARTIER, 1997:67).

Afirma ainda que,

(...) é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum

texto fora do suporte que o dá a ler, que há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao leitor (CHARTIER, 1997:126,127).

As análises feitas por Darnton também apontam para este aspecto:

Mas os textos moldam a recepção dos leitores por mais ativos que possam ser (...) criam um arcabouço e dão um papel ao leitor ao qual ele não pode se esquivar. (...) A história da leitura terá de levar em conta a coerção do texto sobre o leitor, bem como a liberdade do leitor com o texto. A tensão entre essas tendências existe sempre que as pessoas estão diante de livros (...) (DARNTON, 1991:128).

Assim, verifica-se que a mediação editorial até certo ponto interfere no sentido que o texto assumirá para o leitor. Isto ocorre, por exemplo, à medida que os pastores preparam seus sermões valendo-se das informações de rodapé, notas explicativas e comentários introdutórios em cada livro.

A segunda conclusão apresentada por Chartier é a de que há uma irredutível liberdade dos leitores frente aos condicionamentos que pretendem dirigi-la:

(...), a leitura é, por definição, rebelde e vadia (...) O livro visou instaurar uma ordem (...) Todavia, essa ordem de múltiplas fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores (CHARTIER, 1997:07,08).

E ressalta a participação efetiva do leitor como sujeito da leitura: “As representações do mundo social assim construídas (...) são sempre determinados pelos interesses do grupo que as forjam” (CHARTIER, 1997:17).

Consideradas estas tensões, pode-se dizer que a leitura desempenha um papel fundamental para construir representações e legitimar os mecanismos de funcionamento de tais segmentos religiosos, fazendo com que adquiram plausibilidade e sentido para os integrantes dos respectivos grupos. Em outras palavras, a “rebeldia” da leitura possibilita que líderes e fiéis destes movimentos rompam com as regras normativas e as diferentes formas de index cerceadores que as instituições religiosas historicamente consolidadas no Brasil tentam por décadas fazer prevalecer, colocando-se na condição de guardiões da “*reta doutrina*”, em paráfrase que se pode fazer a Rubem Alves (1979:27).

Aplica-se aí mais um dos conceitos de leitura observados por Roger Chartier, quando aponta para este caráter faccioso e cismático - ou "*subversão herética*" na linguagem de Bourdieu (1999:93) - muito característico em nestes movimentos religiosos:

A leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros ... Abordar a leitura é, portanto, considerar conjuntamente a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la (CHARTIER, 1990:123).

Conclui-se, pelos aspectos aqui abordados, que os novos movimentos, de tipologia neopentecostal, encontraram na antiga prática da leitura, eficazes e renovados elementos para dar sedimentação e dinamismo às suas práticas comunicacionais, fazendo com que o uso do livro [Bíblia] continue se mantendo relevante frente aos avanços e projeção cada vez mais inovadores de outros meios de comunicação.

Viva está a leitura como vivo está o livro. Isto faz jus às palavras do historiador Cláudio DeNipoti (1998:2): "*o livro continua a ser, na tradição ocidental em particular, a mídia por excelência*".

Notas

(2) No início do século XX, nos EUA, cristãos pertencentes ao Protestantismo entenderam ser possível contemporaneizar os sinais miraculosos atribuídos ao Espírito Santo aos moldes do que relata o texto bíblico de Atos 2:1-4, segundo o qual, os primeiros cristãos, reunidos na cidade de Jerusalém, teriam praticado a *glossolalia* (fenômeno de êxtase entendido como capacidade de se "falar em outras línguas"). Pelo fato deste episódio ter ocorrido no dia da festa judaica denominada "pentecostes", o movimento americano, em alusão àquele, passou a ser identificado como "pentecostalismo".

(3) Trabalhador de moinho.

(4) Identificamos aqui como *imaginário*, "*a teia de sentidos que propicia a construção dos referentes sociais*". Cf. Claude Gilbert DUBOIS. *O Imaginário da Renascença*. Brasília: UNB, 1985, (contra-capa).

(5) Afirma Darnton ainda que "no século XIX, grupos de artesãos (...) revezavam-se, lendo ou ouvindo um leitor para se manterem entretidos, enquanto trabalhavam".

Bibliografia

- ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990
- CHARTIER, Roger. "*Textos, Impressão, Leituras*". In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fortes, 1992
- CHARTIER, Roger. "*Crítica Textual e História Cultural: o Texto e a Voz - Século XVI e XVII*". In: *Leitura: Teoria e Prática - Associação de Leitura no Brasil*, nº 30. Campinas: ALB. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros - Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1999
- CHARTIER, Roger. In: *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2000
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- DARNTON, Robert. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. São Paulo: Edunesp, 1991
- DENIPOTI, Cláudio. *A sedução da leitura: livros, leitores e história cultural - Paraná 1880-1930*. Curitiba: UFPR, 1980
- DUBOIS, Claude Gilbert. *O Imaginário da Renascença*. Brasília: UNB, 1985
- ECLÉSIA, Rio de Janeiro, abril, 2000

ECLÉSIA. São Paulo: Ano VI, nº64, 05/2001

FILHO, J. Bittencourt. *Sociologia da Religião no Brasil*. São Paulo: PUC, 1998

MONTOSA, Rosane, Entrevista concedida em outubro de 2004.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. *O Sagrado num mundo em Transformação*. São Paulo: Edições ABHR, 2003

PAYER, Maria Onice. "Memória de leitura e meio rural". In: ORLANDI, Eni Puccineli (org.) *A Leitura e os Leitores*. Campinas: Pontes, 1998

VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997

Veja, 03/jul./2002

WOLFGANG, Iser. *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético*. Vol. II. São Paulo: Editora 34, 1999.